

IDEOLOGIA E TRAGÉDIA DO SÉCULO XX

*Marcelo Fortes Barbosa**
(in memoriam)

No início do século XXI, ao olhar para trás, podemos sentir que o século da tecnologia, do mundo financeiro, do progresso vertiginoso, da cura de doenças gravíssimas, foi também um trágico século de guerras, guerrilhas, matanças, guerras civis, impiedades e crueldades.

Qual a razão de tão grande contradição?

A despeito de causas das mais variadas, uma delas, que embora em decadência visível, ainda que latente, nos parece a mais sinistra e tenebrosa, é a ideologia.

O que é ideologia? Raymond Aron, publicista francês dos mais importantes do século XX, opositor das idéias de Sartre e seu crítico mais importante e ainda que possa ser chamado de “homem de direita” pelos ideólogos “de esquerda”, jacobinos, exorcistas e fanáticos, deu uma definição objetiva à ideologia. Assim, para o referido publicista, “ideologia é uma explicação global do mundo, de caráter abstrato, componente de um sistema prévia e abstratamente imaginado, dirigida a um fim de poder”.

Ora, se assim é, são ideologias as religiões em geral, o comunismo, o fascismo, o nazismo, o catolicismo, o islamismo etc..

Os comunistas e os seus aliados, chamados no passado por Marx e Engels de “socialistas utópicos”, pretendem a imposição do igualitarismo, como bandeira e através da “luta de classes”, como método de ação, cuja fase última seria a estatização dos meios de produção.

Os fascistas pretendem, através dos ensinamentos de Vilfredo Pareto e Julien Sorel, a prevalência do sentido histórico, que deve ser burilado para chegar-se à dirigibilidade social pela via do “Estado Integral”, e os nazistas, através de seus teóricos Schafstein, Danh, Heidegger (não em “O Ser e o Tempo”, mas sim em escritos quando reitor da Universidade de Berlim, nomeado por Hitler) e até poetas como o americano Ezra Pound, o socialismo interno entre aqueles acimados de seres superiores...

Como se pode ver, em todas as ideologias o que se nota é a ansiedade explicativa de todas as coisas, a montagem de um sistema universalista explicativo dos fatos

* Dr. Marcelo Fortes Barbosa faleceu em 9 de agosto de 2002, Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Professor de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie

da vida e do mundo e, é claro, que se os fatos divergirem das versões de cada uma delas, as urtigas, os fatos...

Quais as conseqüências destes sistemas fechados no aspecto coletivo?

As conseqüências, no aspecto coletivo, são as seguintes:

a) Todos os fatos são passíveis de explicação dentro do sistema montado por cada uma delas. Assim, quando Lissenko, “sábio soviético” (sic) foi aos Estados Unidos para preconizar a falência da Genética de Mendel e a prevalência do materialismo histórico no aspecto genético, na década de 50, e foi ridicularizado pelos cientistas americanos, restou ser exilado na Sibéria a mando de Stalin, em razão de seu fracasso;

b) Prevalência sempre do autoritarismo, da “opinião oficial”, inexistência de pluralidade partidária nos países que os adotam e repressão impiedosa àqueles que ousarem contestar o sistema que passa a ser chamado de “regime”, “progressista” (sic), segundo eles, porque visa a um porvir de redenção do ser humano.

No aspecto individual, as conseqüências principais são as seguintes:

a) Fanatismo exacerbado entre os adeptos, pela lavagem cerebral que substitui o racional pelo emocional e, conseqüentemente, passa a considerar os não integrantes como “alienados”, “reacionários”, “retrógrados” e, quando não, “canalhas” e “vendidos”...;

b) Radicalismo violento que justifica assassinatos, roubos, que são chamados de “expropriações” e toda uma série de violações de direitos individuais a pretexto de que “amanhã será melhor” e “tudo será esquecido”. Veja-se, a respeito, o que Stalin fez com os camponeses russos para instalar “Sovkhoses” e “Kolkozoes” no campo, sem êxito afinal, e assim matou, segundo o relatório Kourchev de 1.955, 43 (quarenta e três) milhões de pessoas, o que, segundo os militantes, não tem importância alguma, porque o fim justifica os meios; e o mesmo acontece com Hitler, ao assassinar judeus, poloneses e aqueles que ao sistema por ele imposto se opunham em número superior a 06 (seis) milhões; ou Pol Pot, com o objetivo de fazer sua população voltar aos campos e novamente dedicarem suas vidas à agricultura, um milhão; ou Castro com seu famoso “paredon”, cerca de 1 (um) milhão de cubanos;

c) Intolerância e inadmissibilidade de contestação. Se verificarmos como se comportaram religiosos brasileiros quando da votação no Congresso

Nacional de lei regulamentadora do aborto previsto no Código Penal de 1.940, ou como se comportam os islâmicos, mormente em nossos dias, com os Talebãs, no longínquo Afeganistão, onde foram incinerados, a pretexto de “purificação”, todos os aparelhos de televisão do país, verificamos que a velha intolerância da Santa Inquisição está presente nas ideologias, ainda que com roupagem diversa...

Em suma, a realidade, o dia-a-dia não comporta explicações globais, ao contrário do que se pretende. Como observa o próprio Norberto Bobbio, que tomou postura democrática em sua autobiografia recentemente publicada na Itália, é preciso reformular tudo, esquecer o passado, se possível, e buscar explicações democráticas para o mundo, sob pena de a prevalência do irracionalismo nos levar a novas tragédias.

Com efeito, será que, num mundo em que as mulheres, que tomam cada vez mais posições e postos de realce, é possível admitir-se, como os islâmicos, que devam ser tratadas como seres inferiores?

Será que é racional, no mundo do avanço tecnológico, impedir-se o aborto terapêutico a pretexto de sacralização da vida, quando se espelha, no caso concreto, a inviabilidade do feto que, nos dias de hoje, pode ser detectada por tecnologia que cada vez mais se democratiza?

Será que algum destes sistemas fechados, muitos deles falando em direitos humanos, que eles próprios não respeitam, podem explicar um país milenar como a China, impondo a monges, do não menos milenar Tibet, a viver como viveram seus antepassados?

Em suma, além destes fatores, outros poderão existir que impedem ou tornam grotesca qualquer explicação do mundo, como os fatos da natureza que mudam regiões, sistemas de vida e desertificação de cidades e países, desertificando regiões, como a transformação do Mar Cáspio em mera e grande salina no interior da Rússia ou, ainda, a fenda de San Andrés, que pode, a qualquer momento, transformar a fértil, rica e progressista Califórnia, que é o “sétimo país do mundo”, como dizem os americanos, em meras cinzas, reminiscências do passado ou, ainda, nas catástrofes da Oceania, da Ásia e África!

Fica, então, no ar, qual a melhor direção para o século XXI. A melhor direção, certamente, é a democracia liberal, calcada no Estado de Direito, com tinturas sociais suficientes para amenizar a situação dos mais frágeis, mas não usurpadores que justifiquem a luta de classes e engessem a produção de maneira a inviabilizá-la. A final, se o mundo tem fome, qual a solução para ela? O igualitarismo? A caridade dominadora e ignominiosa ou a educação em massa, com qualificação profissional e estimulante da atividade produtiva, principalmente de alimentos, como, aliás, preconizava Adam Smith?

Para isso, necessário se faz que se respeitem os contrários, que se estabeleça o contraditório, que a intolerância seja banida e que a democracia representativa, que em si, por essência, é o anti-sistema, até por se basear na representação popular, que é contraditória e diversificante, prevaleça em todo o planeta.